

O PODER DO FALSO NO *HÍPIAS MENOR* DE PLATÃO

CAROLINA ARAÚJO

*Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

O encontro entre Sócrates e Hípias, narrado no *Hípias Menor* de Platão, torna-se uma discussão sobre a poesia homérica, ensejada pela demonstração de hermenêutica do estrangeiro há pouco finda. A multidão que formava a sua platéia já se dispersou e agora, que o número de presentes é menor, Sócrates, incitado por Eudicos, pergunta a Hípias o seu parecer sobre a declaração de Apemantos, pai de Eudicos, de que Aquiles seria superior a Odisseu. Hípias concorda com a afirmação, justificando-a por ser Aquiles o melhor dos guerreiros de Tróia (ἄριστον μὲν ἄνδρα Ἰαχίλλεα τῶν εἰς Τροίαν ἀφικομένων¹), Nestor o mais sábio², enquanto Odisseu seria o mais multifacetado (πολυτροπώτατον). Nesse contexto, a dúvida de Sócrates parte menos das considerações sobre Odisseu do que da caracterização do próprio Aquiles: “Aquiles não é representado por Homero como multifacetado?” (ὁ Ἰαχίλλεος οὐ πολύτροπος τῷ Ὀμήρῳ πεποιήται;³).

Na justificativa apresentada por Hípias à sua posição, temos que Aquiles não pode ser multifacetado, porque isso significa dizer falsidades (τὸν πολύτροπον ψευδῆ λέγεις⁴), ao passo que, nos versos homéricos, ele declara: “inimigo meu, tal como as portas do Hades, é aquele que algo oculta nas entranhas, mas diz algo de outro” (εχθρὸς γὰρ μοι κείνος ὁμῶς; Αἶδαο πύλησιν, ὅς

¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 364c.

² Como bem aponta Balaudé, a diferença entre o caráter verdadeiro – na figura de Aquiles – e o caráter sábio – na de Nestor – não é um mero detalhe para se compreender o que Hípias entende como verdade e a refutação a que Sócrates o submeterá, cujo propósito, como pretendemos mostrar, é exatamente o de introduzir o conhecimento como um critério para a verdade. Cf. BALAUDÉ, J. F. Que veut montrer Socrate dans l’*Hippias Mineur*? In: GIANNANTONI, G.; NARCY, M. *Lezioni socratiche*. Napoli: Bibliopolis, 1997. p. 259-277.

³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 364e.

⁴ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b.

χ' ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἴπη).⁵ Em suma, residiria, segundo Hípias, na definição mesma de “multifacetado” a justificativa de sua depreciação, uma vez que é exatamente por dizer falsidades que Odisseu é tido como pior do que Aquiles, por sua vez compreendido como o mais simples e verdadeiro (ἀπλούστατος καὶ ἀληθέστατος⁶) ao afirmar: “quanto a mim, direi o que irá se realizar” (αὐτὰρ ἐγὼν ἐρέω ὡς καὶ τετελεσμένον ἔσται).⁷

A primeira tese a ser refutada por Sócrates foi tradicionalmente tomada como um paradoxo, já que afirma que o engano de Hípias, e também de Homero, repousa sobre a convicção de que o homem verdadeiro seja diferente do falso e de que não haja coincidência possível desses dois adjetivos em um mesmo homem. De que esse é o primeiro passo argumentativo socrático deduz-se do confronto entre uma primeira afirmação sobre a questão em Homero – “Pois parece, ao que parece, ser, em Homero, um o homem verdadeiro e outro o falso, mas não o mesmo” (Ἐδόκει ἄρα, ὡς ἔοικεν, Ὁμήρω ἕτερος μὲν εἶναι ἀνήρ ἀληθής, ἕτερος δὲ ψευδής, ἀλλ' οὐχ ὁ αὐτός.⁸) – com a conclusão socrática um pouco mais adiante:

Ὁρᾶς οὖν, ὅτι ὁ αὐτὸς ψευδής τε καὶ ἀληθής περὶ τούτων καὶ οὐδὲν ἀμείνων ὁ ἀληθής τοῦ ψευδοῦς; ὁ αὐτὸς γὰρ δήπου ἐστὶ καὶ οὐκ ἐναντιώτατα ἔχει, ὥσπερ σὺ ᾧ ἄρτι.

Vês então que, sobre essas coisas, é o mesmo (homem) o verdadeiro e o falso e em nada o verdadeiro é superior ao falso? São o mesmo e não contrários extremos, como pensaste anteriormente.

O desafio que se impõe ao leitor pelo dito paradoxo é a compreensão

⁵ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b. Cf. HOMERO. *Ilíada*, IX, 313.

⁶ PLATÃO. *Hípias Menor*, 364e.

⁷ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b. Cf. HOMERO. *Ilíada*, IX, 314. Uma nota deve ser feita sobre o sentido de se dizer o que irá se realizar, uma vez que não se trata de uma atitude profética de Aquiles, mas do modo como o herói revela em palavras todos os seus propósitos sem ocultá-los. “Isso repousa sobre uma compreensão da ação que é teleológica em um sentido particularmente forte: os heróis aparecem sempre na iminência de atingir objetivos que se constituem como o horizonte de suas ações mesmo quando não se realizam. Em virtude dessa compreensão, *palavra* e *ação* se relacionam de maneira essencialmente temporal. A remissão da palavra à ação se dá entre um ‘antes’ e um ‘depois’, no qual a palavra é apresentada como o que vem antes da ação e esta, como o que concretiza a palavra, a leva a seu termo, a completa. [...] É por esse motivo que os poemas homéricos podem empregar o verbo *τελέω* no sentido de ‘agir’, quer dizer, atingir o *τέλος* determinado pela palavra.” LOPES, A. O. D. *A força da palavra de Zeus*: um comentário a *Ilíada*, XIX, 83-138. Impresso de comunicação apresentada no IV Colóquio do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas sobre as Sociedades Antigas, em Ouro Preto, em 2007. Ver p. 7.

⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365c.

⁹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 367c-d.

do sentido em que verdadeiro e falso aparecem como o mesmo na conclusão socrática, uma passagem que, por sinal, garantiu ao *Hípias Menor* acusações de inautenticidade ou imoralidade.¹⁰ Nossa tentativa aqui é a de escapar de alguns desses grandes problemas na interpretação do diálogo, enumerando e analisando algumas hipóteses de leitura dessa passagem juntamente com as suas diferentes conseqüências para a argumentação. Deixando por um instante a conclusão e a argumentação de lado, podemos pensar a afirmação sobre Homero das seguintes maneiras:

i) por razões que não podemos saber, Homero deliberadamente optou por não conjugar em um mesmo personagem traços de um homem verdadeiro e de um homem falso. Essa primeira hipótese é prontamente descartada na argumentação, não exatamente por não ser plausível, mas por ter como conseqüência a inviabilidade e a falta de sentido de um diálogo sobre o tema, ao que diz Sócrates:

Τὸν μὲν Ὅμηρον τοίνυν ἐάσωμεν, ἐπειδὴ καὶ ἀδύνατον ἐπανερῆσθαι τίποτε νοῶν ταῦτα ἐποίησεν τὰ ἔπη [...].

Deixemos Homero de lado, já que é impossível lhe perguntar o que pensava quando compôs essas falas .

Não é, pois, das idiossincrasias de Homero que trata o diálogo, mas da relação entre o texto e seu intérprete, Hípias, que se torna então co-responsável pelo sentido da interpretação ao ser capaz de dizer, como o fizera em sua demonstração, o que Homero disse.¹² A poesia pode ser objeto de diálogo entre seus intérpretes na referência a um campo lingüístico criado pelo poeta que pode ser compreendido e justificado por seus ouvintes/leitores.

ii) em Homero, o emprego do adjetivo “verdadeiro” é incompatível com o emprego do adjetivo “falso”, de onde se conclui que não se pode

¹⁰ Sobre a dificuldade do diálogo, diz Friedländer: “Não fosse o testemunho explícito de Aristóteles, provavelmente poucos críticos considerariam o *Hípias Menor* uma obra genuinamente platônica”. FRIEDLÄNDER, P. *Plato*. Translated by H. Meyerhoff. Princeton: Princeton University Press, 1964. v. 2, p. 146. Mesmo apesar de ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1025a1-13, autores como SCHLEIERMACHER, F. *Hippias minor oder der falsche Wahre: über den Ursprung den moralischen Bedeutung von gut*. Weinheim: Vch, 1989 e AST, F. *Platons Leben und Schriften*. Leipzig: Weidman, 1816 insistiram em desclassificá-lo. Cf. GROTE, G. *Plato and other companions of Sokrates*. London: John Murray, 1875. v. 1, p. 387-388.

¹¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365c-d.

¹² “Já que tu pareces aceitar a responsabilidade e compartilhar daquilo que afirmas ter dito Homero, responde juntamente por Homero e por ti mesmo.” (σὺ δ' ἐπειδὴ φαίνῃ ἀναδεχόμενος τὴν αἰτίαν, καὶ σοὶ συνδοκεῖ ταῦτα ἄπερ φησὶ Ὅμηρον λέγειν, ἀπόκριναι κοινῇ ὑπὲρ Ὁμήρου τε καὶ σαυτοῦ - 365d).

atribuí-los simultaneamente ao mesmo substantivo. Assim, o que Sócrates contestaria a Hípias seria o fato de sustentar que o verdadeiro e o falso são adjetivos contrários e isso faria com que Sócrates tivesse que argumentar contra as regras do uso da linguagem. Se fosse essa a reação socrática, a conclusão da refutação a Hípias seria de que os termos “verdadeiro” e “falso” são vazios de sentido, não sendo adequados para se caracterizar personagens como Aquiles e Odisseu, e menos ainda para tentar estabelecer um privilégio de um sobre o outro. Embora não seja essa a conclusão socrática, nem sequer esse o caminho argumentativo escolhido por Sócrates, isso não impediu que muitas das críticas ao diálogo se sustentassem pela constatação de um grande ardil na argumentação.¹³

iii) em Homero, a atribuição do adjetivo “verdadeiro” é incompatível com a atribuição do adjetivo “falso” a um mesmo homem, não por uma impossibilidade de ordem lingüística, mas por uma questão histórica que diz respeito ao conjunto de todas as ações desse homem, agora não mais entendido como um substantivo, mas como um sujeito. Teríamos assim uma variante de ii, que proporia que, para se atribuir o adjetivo “verdadeiro” a um sujeito é preciso investigar o seu comportamento ao longo do tempo e, se em algum momento ele demonstra que também o adjetivo “falso” pode lhe calhar, não se pode, por ser o mesmo sujeito, chamar-lhe mais de verdadeiro.

A ser assim, Homero teria definido uma regra da construção dos personagens, segundo a qual o adjetivo atribuído a alguém tem que se fazer presente em todas as suas ações. Essa regra, Mulhern a identifica como caráter (*τρόπος*), entendido como “comportamento típico”, terminologia que vamos provisoriamente adotar, com vistas a estabelecer um diálogo com a interpretação desse autor.¹⁴ Por consequência dessa terceira hipótese, teríamos

¹³ Cf., por exemplo, a posição de Hoerber: “Em resumo, a terminologia confusa que equivale *φρόνησις* e *πανουργία* é a base da conclusão ilógica que relaciona *ψευδείς* com *σοφοί*. O raciocínio falso é evidente demais para maiores comentários”. HOERBER, R. G. *Plato's Lesser Hippias*. *Phronesis*, Assen, v. 7, p. 121-131, 1962, p. 125.

¹⁴ Mulhern, que também protesta contra o caráter sofisticado dessa primeira argumentação socrática, apresenta-a como uma confusão entre termos de naturezas distintas, a saber, termos que designam caráter (*τρόπος*), como o comportamento típico, e termos que designam poder (*δύναμις*), entendido como habilidade. MULHERN, J. J. *Tropos and polytropia in Plato's Hippias Minor*. *Phoenix*, Toronto, v. 22, p. 283-288, 1968. Weiss já defendeu de modo bem consistente que não há essa separação de gêneros nos termos apresentados na primeira argumentação. WEISS, R. *Ho agathos as ho dunatos in the Hippias Minor*. In: BENSON, H. (Ed.). *Essays on the philosophy of Socrates*. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 242-262. No entanto, podemos ainda adicionar um ponto, relevante para a nossa interpretação, que sustenta a crítica a Mulhern e vai além das conclusões de Weiss: trata-se da caracterização da

como expectativa para a refutação socrática uma análise das ações de Aquiles – personagem cujo caráter está particularmente em questão para Sócrates – com vistas a mostrar se Homero é coerente na adequação das ações a ele atribuídas com o seu caráter simples e verdadeiro. O problema é que, embora o *Hípias Menor* traga essa análise e a demonstração socrática da incongruência homérica, ela não acontece antes dos passos 369e-370e, ou seja, posteriormente à conclusão socrática sobre a identidade do verdadeiro e do falso. Ora, se não é esse o argumento que primeiramente refuta Homero, nos vemos na necessidade de descartar o problema da unidade do caráter e ter que supor uma outra via de interpretação dos critérios homéricos refutados por Sócrates. Assim propomos:

iv) em Homero, dizer de um homem que ele é falso é dizer que ele não é verdadeiro, de modo que ser falso é ser privado do verdadeiro e vice-versa. A ser tal, o que está em jogo na refutação socrática é uma diferença de status entre os dois adjetivos em questão, de modo que haja no homem falso, não apenas uma privação do verdadeiro, mas uma determinação própria ao que é a falsidade, algo que teria requisitos específicos. Em Homero, segundo Hípias, há um privilégio do verdadeiro sobre o falso, atestado pela superioridade de Aquiles sobre Odisseu (ἄμεινων Ἀχιλλεύς Ὀδυσσεύς εἶη¹⁵), que deve ser entendido a partir da conjugação da verdade com a simplicidade (ὅ μὲν Ἀχιλλεύς εἶη ἀληθής τε καὶ ἀπλοῦς¹⁶).

O que Hípias declara, embora não pareça se dar conta, é que, na diferença entre dizer o que irá se realizar, entendido como a correspondência entre o propósito de ação e a fala que caracteriza Aquiles (αὐτὰρ ἐγὼν ἐρέω ὡς καὶ τετελεσμένον ἔσται¹⁷) e a incongruência entre esses dois momentos, que caracteriza Odisseu (ὅς χ' ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἶπη¹⁸), reside uma possibilidade aberta a Odisseu e privada a Aquiles: ser falso tem mais requisitos do que ser verdadeiro, é preciso que, além de se formular o propósito de ação, se formule uma fala que lhe seja diferente. Portanto – e assim sugerimos

passagem que vai de 369e a 370e como o *locus* de discussão disso que Mulhern chama *τρόπος*, ou seja, se Aquiles, nas ações retratadas na *Iliada*, corresponde ao que se caracteriza como a habilidade do verdadeiro. Assim, esse segundo momento argumentativo seria dedicado à identificação da *δύναμις* no *τρόπος* de Aquiles, o que transformaria o *Hípias Menor* não em um ardil na alternância dos sentidos atribuídos aos termos, mas precisamente na análise da relação entre esses vários sentidos dos termos.

¹⁵ PLATÃO. *Hípias Menor*, 363b.

¹⁶ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b.

¹⁷ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b.

¹⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365b.

que deve ser a compreensão da afirmação sobre o homem falso e verdadeiro em Homero – verdadeiro e falso não podem ser o mesmo porque há requisitos que caracterizam particularmente o falso. Reforça essa interpretação a definição que o próprio Hípias apresentará em seguida para o falso:

ΣΩ. Τοὺς ψευδεῖς λέγεις οἷον ἀδυνάτους τι ποιεῖν, ὡσπερ τοὺς κάμνοντας, ἢ δυνατούς τι ποιεῖν;

ΙΠ. Δυνατούς ἔγωγε καὶ μάλα σφόδρα ἄλλα τε πολλὰ καὶ ἔξαπατῶν ἀνθρώπους.

Sócrates: Dizes serem os falsos tais como os impossibilitados de fazer algo, como os doentes, ou os que podem fazer algo?

*Hípias: Para mim são os que podem fazer muitas e muitas coisas, sobretudo iludir os homens*¹⁹.

Frente às outras alternativas de interpretação, a vantagem dessa hipótese reside em dois pontos principais: a coerência na seqüência entre a declaração de Hípias e a argumentação de Sócrates centrada na noção de poder – o que não ocorria na hipótese iii – e a validade, não só argumentativa – colocada em xeque pela hipótese ii –, mas também moral (frente à alegada imoralidade do *Hípias Menor* em comparação com os outros diálogos platônicos), da conclusão socrática. Assim sendo, essa linha interpretativa proporcionaria um argumento de unidade do diálogo juntamente com um esclarecimento sobre a sua função no pensamento platônico.

Para demonstrar essa tese, passemos ao conteúdo da argumentação socrática que se centra na definição do multifacetado como alguém que detém um poder (*δυνατός*), deixando de lado a especificidade desse poder, apresentada por Hípias como sendo a ilusão dos homens. Esse desmembramento da definição de Hípias é de grande relevância para a compreensão do diálogo, uma vez que aparta o que Hípias considera chave na definição – a ilusão dos homens como a razão pela qual o multifacetado e falso é inferior ao simples e verdadeiro – daquilo que Sócrates considera importante – a noção de poder. Esse padrão de dissociação – segundo o qual os elementos valorativos referentes a uma avaliação própria a Hípias vão sendo descartados em função dos elementos epistêmicos que Sócrates quer analisar²⁰ – será mantido, como

¹⁹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365d.

²⁰ “A diferença entre as posições de Sócrates e Hípias é [...] a diferença entre dois tipos de conceitos de *δύναμις*, sendo um deles neutro e o outro negativo. É uma questão de onde se colocar a ênfase na frase *δυνατούς ἔξαπατῶν ἀνθρώπους*; para Sócrates, a ênfase deve ser dada a *δυνατούς*, para Hípias a *ἔξαπατῶν*.” (WEISS, 1992, p. 246).

veremos, até o final do diálogo, o que nos permite concluir que o propósito de Sócrates aqui não é o de refutar a definição de multifacetado (*δυνατός ἐξαπατῶν ἀνθρώπους*), mas o de negar que o verdadeiro, entendido como simples e como o que diz o que pretende, possa ser tomado como o seu oposto. Mais uma vez, a preocupação socrática é com a definição, não tanto da personalidade de Odisseu, mas sobretudo da de Aquiles.

Se assim podemos ler o argumento, o que ele pretende mostrar é que, se, como diz a sua conclusão, o verdadeiro e o falso são o mesmo²¹, está aí suposto do verdadeiro que ele não aja por inocência e inércia (*ὑπὸ ἡλιθιότητος καὶ ἀφροσύνης*²²), mas por capacidade e inteligência (*ὑπὸ πανουργίας καὶ φρονήσεως*)²³. Se Hípias caracterizava Aquiles como verdadeiro apenas por sua, digamos, sinceridade²⁴, ou seja, pela clara demonstração em palavras de seus propósitos, isso, ao ver de Sócrates, não é suficiente para lhe atribuir o adjetivo “verdadeiro”.²⁵ Para ser verdadeiro – assim como para ser falso – é preciso não só dizer o que se vai fazer, mas saber o que se vai fazer.²⁶

²¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 367c-d.

²² PLATÃO. *Hípias Menor*, 365e.

²³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 365e. Este é precisamente o passo a que se refere Hoerber na citação apresentada na nota 5, caracterizado por ele como uma confusão entre termos, na qual o sentido pejorativo do termo *πανουργία*, em ressonância com o do termo *ψευδής*, seria anulado em função de um sentido neutro, que tentamos traduzir por “capacidade”. O que nos parece escapar a Hoerber é que o sentido pejorativo do termo é uma derivação posterior do seu sentido primeiro como “habilidade de fazer tudo” e desse sentido primeiro não seria Hípias, caracterizado exatamente por tal habilidade, quem iria dissociar a noção de inteligência (*φρόνησις*). Quanto à *ἀφροσύνη*, o seu sentido de demência e loucura não é senão derivado de um sentido de privação da inteligência que o aproxima da noção de ingenuidade, daí a nossa tradução por inércia.

²⁴ Utilizamos o termo “sinceridade”, que não encontra correspondente no texto, como referência a alguns dos termos que seriam característicos do tipo de caráter verdadeiro que Hípias atribui a Aquiles: dizer o seu propósito, sem nada ocultar (*ὅς χ' ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἴπη. αὐτὰρ ἐγὼν ἔρέω ὡς καὶ τετελεσμένον ἔσται* - 365b), ser simples (*ὅ μὲν Ἀχιλλεύς εἴη ἀληθής τε καὶ ἀπλοῦς* - 365b), inocente e inerto (*ὑπὸ ἡλιθιότητος καὶ ἀφροσύνης* - 365e) e mudar de opinião por ingenuidade (*ὑπὸ εὐηθείας ἀναπεισθεῖς* - 371e). O propósito dessa oração está no diálogo com Vlastos, que propõe uma leitura da conclusão final do diálogo como uma perplexidade honesta, fundada na sinceridade (*παρησιία*) de ambos os interlocutores. (Cf. VLASTOS, G. *Socrates: ironist and moral philosopher*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; p. 275-278). Como mostraremos adiante, o tema da sinceridade nos parece central no diálogo, porém com conseqüências distintas das extraídas por Vlastos.

²⁵ “Sócrates esclarece essa forma de naturalismo ético e obriga Hípias a admitir que o mesmo homem que é capaz de dizer falsidades é também capaz de dizer verdades. As reviravoltas que há pouco evoquei repousam sobre uma reviravolta principal, que dá ao saber a prioridade sobre a *δύναμις*. Mas precisamente, tendo em comum com Hípias a idéia de uma *δύναμις* do falso, ele substitui a noção vaga e indefinida de *τρόπος* pela de saber.” (BALAUDÉ, 1997, p. 271).

²⁶ “Sócrates: Os sensatos são os que não sabem o que fazem ou os que sabem? Hípias: Certamente os que sabem muito bem.” (*ΣΩ. Φρόνιμοι δὲ ὄντες οὐκ ἐπίστανται ὅ τι ποιῶσιν ἢ ἐπίστανται; ΠΙ. Καὶ μάλᾳ σφόδρα ἐπίστανται* - 365e).

O verdadeiro, para ser, como deseja Hípias, o oposto do falso²⁷, supõe uma sabedoria (σοφοί), supõe a possibilidade de também ser falso, entendida como a aquisição de um poder que supere a ingenuidade e a ignorância. É disso que trata a definição de δυνατός: “Poderoso é aquele que pode fazer o que quer que queira, quando quer” (δυνατὸς δέ γ’ ἐστὶν ἕκαστος ἄρα ὅς ἂν ποιῇ τότε ὃ ἂν βούληται, ὅταν βούληται²⁸). É a possibilidade da decisão que caracteriza o homem dotado de poder, de modo que o verdadeiro, aos olhos de Sócrates, não pode ser dela privado. É o conhecimento que permite essa posição e Hípias terá que reconhecer que, se a verdade e a simplicidade de Aquiles puderem ser associadas à ingenuidade, à insensatez e à ignorância, ele não pode ser superior a Odisseu.

Mas não é esse o único escopo do argumento do poder. O próprio Hípias é nele enredado ao se apresentar como alguém dotado de poder em vários campos de conhecimento.²⁹ Sagaz em matemática³⁰, geometria³¹, astronomia³², poesia, prosa, música, gramática, mnemotécnica, etc.³³, Hípias não pode deixar de reconhecer que falar a verdade em todos esses campos requer poder, entendido como um vínculo da sua vontade com critérios de

²⁷ “Sócrates: Os verdadeiros são outros que os falsos, e completamente opostos entre si? Hípias: Afirmo isso.” (ΣΩ. Ἄλλοις δὲ τοῖς ἀληθεῖς τε καὶ ψευδεῖς, καὶ ἐναντιωτάτους ἀλλήλοις; Π. Λέγω ταῦτα. - 366a).

²⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 366b-c.

²⁹ Em referência às conseqüências dessa passagem para a argumentação futura, Hoerber diagnostica que “as últimas páginas, que propõem que o erro voluntário é superior ao engano involuntário, apresentam confusão adicional ao não fazerem uma distinção evidente entre τέχνηαι e ἐπιστήμμαι (375b8-c1)” (HOERBER, 1962, p. 126). Essa distinção, o comentador a considera feita na passagem em questão, precisamente em 368b, onde ἐπιστήμμαι “se referem à aritmética, à geometria e à astronomia, que ele acaba de discutir” e τέχνηαι “compreenderiam as artes de Hípias, que Sócrates passará a mencionar”. Não nos parece, contudo, haver qualquer motivo para supor no diálogo uma diferença conceitual entre artes e conhecimentos, até porque os dois termos serão tratados de modo equivalente ao final, no que Hoerber considera ser uma confusão: “a distinção terminológica socrática aparentemente não causou nenhuma impressão em Hípias e os dois termos ocorrem posteriormente (375b8-c1) sem que se note nenhuma distinção”. (HOERBER, 1962, p. 126).

³⁰ PLATÃO. *Hípias Menor*, 366c.

³¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 367d.

³² PLATÃO. *Hípias Menor*, 368a.

³³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 368d. O argumento é primeiramente apresentado a Hípias em relação à matemática (366c), porém considerado válido para todas as outras artes e conhecimentos em que ele se destaca, de modo que o trecho entre 367d e 369a pode ser entendido como uma aplicação da conclusão obtida em 367e. Por isso, considerando o argumento como um todo, tomamos a liberdade de alternar trechos de sua demonstração com outros de sua aplicação. Validam essa hipótese as circunstâncias do início do último trecho, que dizem: “Hípias: Não me parece que seja assim. Sócrates: Queres então examiná-lo em outros casos? Hípias: Se quiseres tu também?”. (Π. Οὐ φαίνεται ἐνταῦθα γε. ΣΩ. Βούλει οὖν σκεψώμεθα καὶ ἄλλοις; Π. Εἶ [ἄλλως] γε σὺ βούλει. - 367d).

eficiência como a rapidez e a qualidade da resposta.³⁴ O verdadeiro, portanto, se desvincula da sinceridade para vincular-se a um modo melhor de dizer, a uma eficiência da resposta: verdade requer arte, conhecimento e poder.

Se o argumento do poder visa refutar, não a definição de multifacetado, mas a de verdadeiro, ele, não obstante, traz a dificuldade da paradoxal equivalência entre verdadeiro e falso, de modo que, se quisermos entender a função desse paradoxo no diálogo e no pensamento platônico é preciso atentar para, além dos argumentos, a dramaticidade do diálogo. Retomando em um outro sentido a justificativa que nos eliminou a primeira hipótese sobre a declaração acerca do verdadeiro e do falso em Homero, é preciso lembrar que é menos Homero do que o próprio Hípias que está em jogo aqui, o que implica não apenas o interlocutor multi-habilidoso no argumento, mas também no tom irônico da sugestão socrática: “Suponhamos então, Hípias, haver um certo homem que seja falso em relação ao cálculo e aos números” (Θῶμεν ἄρα καὶ τοῦτο, ὃ Ἰππία, περὶ λογισμὸν καὶ ἀριθμὸν εἶναι τινα ἄνθρωπον ψευδῆ³⁵), ou ainda, “Não foi assim que anteriormente pareceste ser aquele que melhor poderia falsear sobre o cálculo?” (Οὐκοῦν ἄρτι ἐφάνης σὺ δυνατώτατος ὢν ψεύδεσθαι περὶ λογισμῶν;³⁶).

A ironia sugere que é Hípias quem pode iludir os homens com o poder de, em dominando tantas artes e conhecimentos, dizer falsidades de modo proposital e invariável³⁷, sobretudo ao se mostrar como sendo o mais sábio dos homens na maioria das artes (πάντως δὲ πλείστας τέχνας πάντων σοφώτατος εἶ ἄνθρώπων³⁸), uma sabedoria certamente considerada falsa pelo Sócrates platônico.³⁹ Enumerar, portanto, a variedade de campos em que Hípias

³⁴ “Em querendo, és capaz de dizer o verdadeiro sobre essas coisas melhor e mais rapidamente do que todos.” (ἐὶ βούλοιο, πάντων τάχιστα καὶ μάλιστα ἂν εἴποις τάληθῆ περὶ τούτου; Π. πάυ γε. - 366c-d).

³⁵ PLATÃO. *Hípias Menor*, 367a-b.

³⁶ PLATÃO. *Hípias Menor*, 367b.

³⁷ “Sócrates: Se quiseres falsear, sempre falsearás segundo o mesmo? Hípias: Sim” (ΣΩ. εἴπερ βούλοιο ψεύδεσθαι, αἰεὶ ἂν κατὰ τὰ αὐτὰ ψεύδοιο; Π. Ναί. - 367a).

³⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 368b.

³⁹ Para a evidência dessa posição deve bastar um contraste entre a caracterização de Hípias, que certa vez chegou a Olímpia trajando apenas artigos produzidos por ele mesmo (ἀφικέσθαι ποτὲ εἰς Ὀλυμπίαν ἃ εἶχες περὶ τὸ σῶμα ἅπαντα σαυτοῦ ἔργα ἔχων - 368b) e o argumento que, na *República*, justifica a fundação da cidade segundo a dedicação exclusiva às tarefas: “Sócrates: Mas, parece-me, é claro que se alguém não respeita o tempo certo da tarefa, destrói-a. Adimanto: Pois é claro. Sócrates: Não é, pois, ao que parece, o agir que respeita o ócio do agente, mas necessariamente o agente segue o agir, não o considerando um passatempo. Adimanto: Necessariamente. Sócrates: Daí concluímos que cada coisa vem a ser em maior quantidade, mais belamente e mais facilmente quando alguém se dedica a uma só, segundo a natureza e o tempo certo, deixando ao ócio todas as outras”. (ΣΩ. Ἄλλὰ μὴν, οἴμαι, καὶ τότε

se alega sábio constitui o desmascaramento de que ter poder implique em ser verdadeiro. Enfim, ao indicar que aquele que pode, mesmo sendo bom, não precisa ser verdadeiro, podendo ser falso, Sócrates ironiza Hípias em sua sabedoria, que, atordoado, parece não mais capaz de seguir a argumentação.⁴⁰ Um sinal dramático dessa situação é o escárnio de Sócrates ao indicar que talvez ele não estivesse empregando a sua mnemotécnica, ou talvez precisamente empregando-a de modo deliberado, sugerindo com isso que a arte de Hípias é usada segundo a sua vontade, tanto para se lembrar, quanto para se esquecer.

A conclusão de que Aquiles não difere de Odisseu leva ao protesto de Hípias quanto ao método socrático, entendido precisamente como o desmembramento que apontamos:

Ὶ Ω Σώκρατες, ἀεὶ σύ τινας τοιούτους πλέκεις λόγους, καὶ ἀπολαμβάνων ὁ ἄν ἥ δυσχερέστατον τοῦ λόγου, τούτου ἔχη κατὰ μικρὸν ἐφαπτόμενος, καὶ οὐχ ὅλῳ ἀγωνίζῃ τῷ πράγματι περὶ ὅτου ἄν ὁ λόγος ἦ .
Sócrates, tu sempre teces o discurso desse modo, separando uma parte do discurso, a mais intrincada, prendendo-se a miudezas e não contestando o todo da coisa sobre a qual trata o discurso ⁴¹ ;

o que surgirá também mais adiante no diálogo como causa de uma constante perturbação argumentativa.⁴² Não obstante, Hípias não insiste tanto na relação entre o multifacetado e a ilusão dos homens, mas, antes, na não falsidade e, portanto, superioridade de Aquiles⁴³.

Nesse retorno à questão do caráter do herói homérico, a estratégia socrática é outra: a retomada dos versos homéricos citados por Hípias, para, como dizíamos sobre a hipótese iii) de leitura do início do primeiro argumento, apresentar como Aquiles de fato aparece ali como multifacetado.⁴⁴ Como aponta Sócrates⁴⁵, o confronto entre o que declara Aquiles no primeiro canto

δῆλον, ὡς, εἰάν τις τινας παρῆ ἔργου καιρόν, διόλλυται. ΑΔ. Δῆλον γάρ. ΣΩ. Οὐ γάρ, ὄμαι, ἐθέλει τὸ πραττόμενον τὴν τοῦ πράττοντος σχολὴν περιμένειν, ἀλλ' ἀνάγκη τὸν πράττοντα τῷ πραττομένῳ ἐπακολουθεῖν μὴ ἐν παρέργου μέρει. ΑΔ. Ἄνάγκη. ΣΩ. Ἐκ δὴ τούτων πλείω τε ἕκαστα γίγνεται καὶ κάλλιον καὶ ῥᾶον, ὅταν εἷς ἐν κατὰ φύσιν καὶ ἐν καιρῷ, σχολὴν τῶν ἄλλων ἄγων, πράττη. - PLATÃO. *República*, 370b-c).

⁴⁰ “Não compreendo bem o que dizer, Sócrates.” (ὁ πάνυ τι ἔννοῶ, ὦ Σώκρατες, ὃ λέγεις- 369a).

⁴¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 369b-c.

⁴² “Mas Sócrates, Eudicos, sempre causa perturbação no discurso, além de parecer agir com malícia” (ἀλλὰ Σωκράτης, ὦ Εὐδικε, ἀεὶ ταράττει ἐν τοῖς λόγοις καὶ ἔοικεν ὥσπερ κακοουργοῦντι - 373b).

⁴³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 369c.

⁴⁴ “Já Aquiles, segundo o teu discurso, aparece multifacetado” (ὁ δὲ Ἀχιλλεύς πολύτροπός τις φαίνεται κατὰ τὸν σὸν λόγον - 370a).

⁴⁵ PLATÃO. *Hípias Menor*, 369d-371d.

da *Iliada* – sua resolução de retornar à Ftia – e a sua postura de não tomar nenhuma atitude para tal nos cantos seguintes, além da incongruência entre seu discurso a Odisseu, nos versos 357 a 363 do canto IX, e o a Ájax, nos versos 650 a 655 do mesmo canto, indicam que o melhor dos heróis não é o caráter sincero considerado por Hípias, além de revelarem uma dissonância entre falar e pensar, típica do multifacetado. Aquiles não é simples e isso não apenas como uma possibilidade de sua ação, mas pelas suas ações mesmas, ou seja, é também falso.⁴⁶ Resta então a Hípias a tentativa de justificar essas ações: elas não são deliberadas, mas forçadas pelas circunstâncias, em particular pela necessidade de permanecer e salvar o exército grego.⁴⁷

Essa será a ocasião para que Sócrates complete o que, do argumento anterior, ficou faltando ser demonstrado, a saber, o modo como a possibilidade de deliberação distingue o melhor do pior. Assim, se os melhores eram aqueles que podiam fazer o que quisessem quando quisessem, é possível sustentar que os que falseiam propositadamente são melhores do que os que o fazem a contragosto (οἱ ἐκόντες ψευδόμενοι βελτίους ἢ οἱ ἄκοντες⁴⁸), tese contrária à de Hípias. Mas as conclusões não param por aí, porque, à medida que há uma relação direta entre propósito e poder, ao mesmo tempo em que entre constrangimento e impossibilidade, temos que a relação entre o que seria, nos termos de Mulhern, o caráter falso e o poder de ser multifacetado se daria pela ausência ou presença da possibilidade da deliberação.

Segue essa demonstração um novo protesto de Hípias, que volta a introduzir um termo pejorativo em associação ao falso: os propositadamente injustos (οἱ ἐκόντες ἀδικούντες⁴⁹). Citando o procedimento legal (οἱ νόμοι⁵⁰), ele

⁴⁶ Não haveria, portanto, no diálogo, a confusão alegada por Mulhern (1968, p. 284) entre termos que designam caráter e termos que designam poder, mas exatamente uma construção da diferença entre esses dois gêneros de termos na terceira parte do argumento (371d-376c) a tecer os critérios que reúnem a primeira (364c-369d) e a segunda parte (369d-371d).

⁴⁷ “Pois quando Aquiles falseia, ele não aparece falseando por deliberação sua, mas a contragosto, devido às circunstâncias pelas quais era constrangido a permanecer e salvar o exército, já Odisseu o faz proposital e deliberadamente.” (ὁ μὲν γὰρ Ἀχιλλεύς ψεύδεται, οὐκ ἐξ ἐπιβουλῆς φαίνεται ψευδόμενος, ἀλλ’ ἄκων, διὰ τὴν συμφορὰν τὴν τοῦ στρατοπέδου ἀναγκασθεὶς καταμεῖναι καὶ βοηθῆσαι. ἃ δὲ δ’ Ὀδυσσεύς, ἕων τε καὶ ἐξ ἐπιβουλῆς - 370e). É digno de nota que Sócrates não encontra em Homero nenhum atestado da falsidade de Odisseu e nem Hípias lhe apresenta algum exemplo, o que, apesar dos vários ardis do personagem na *Odisséia*, faz com que o diálogo possa transcorrer afirmando que “em lugar nenhum Odisseu aparece falseando” (ὁ μὲν Ὀδυσσεύς οὐδαμῶς φαίνεται ψευδόμενος - 369e-370a). Esse detalhe corrobora nossa tese de que o personagem central do *Hípias Menor* é Aquiles e que Odisseu é apenas um seu duplo, utilizado como meio argumentativo.

⁴⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 371e.

⁴⁹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 371e.

⁵⁰ PLATÃO. *Hípias Menor*, 372a.

aponta para a indulgência em relação aos que cometem delitos sem dolo, exatamente porque não sabem o que fazem.⁵¹ Nesse momento, Sócrates faz um movimento arguto no diálogo, implicando a si mesmo na alegação de Hípias e, ironicamente, solicitando a indulgência de Hípias com relação à sua insistência⁵², exatamente por não saber (φαίνομαι οὐδὲν εἰδώς⁵³). A ignorância socrática, indicada por sua diferença em relação aos homens considerados sábios⁵⁴, faz com que ele vague de um lado para outro frente às questões, uma vez que, por mais que o discurso o leve necessariamente à conclusão da superioridade dos que agem mal propositadamente sobre os que o fazem a contragosto⁵⁵, eventualmente lhe parece ser o caso do contrário.⁵⁶ Se levamos em conta, como sugere Hoerber, que o diálogo como um todo se constrói segundo duplas⁵⁷, a mudança de opinião atrelada à ingenuidade (ὑπὸ εὐηθείας ἀναπεισθείς⁵⁸), que, pelos critérios de Hípias, define a superioridade de Aquiles, deve agora corresponder à superioridade de Sócrates, ao passo que Odisseu multifacetado se torna, também pelos critérios do próprio Hípias, a figura inferior do multi-habilidoso.

⁵¹ “Mas, Sócrates, como podem os propositadamente injustos, que, deliberada e propositadamente, agem com malícia, ser melhores do que os que o fazem a contragosto, que me parecem ser merecedores de indulgência por não saberem que cometem injustiça, falseiam e praticam males?” (Καὶ πῶς ἂν, ὦ Σώκρατες, οἱ ἐκόντες ἀδικοῦντες καὶ ἐκόντες ἐπιβουλεύσαντες καὶ κακὰ ἐργασάμενοι βελτίους ἂν εἶεν τῶν ἀκόντων, οἷς πολλὴ δοκεῖ συγγνώμη εἶναι, ἐὰν μὴ εἰδώς τις ἀδικήσῃ ἢ ψεύσῃται ἢ ἄλλο τι κακὸν ποιήσῃ; - 371e-372a).

⁵² “Meu bom Hípias, não é propositadamente que faço isso, pois, a ser assim, eu seria, segundo o teu discurso, sábio e hábil, mas é a contragosto, de modo que deves ser indulgente comigo, já que disseste que é preciso ter indulgência com os que agem mal a contragosto” (ὦ βέλτιστε Ἱπία, οὐτι ἑαῶν γε ταῦτα ἐγὼ ποιῶ, σοφὸς γὰρ ἂν ἦ καὶ δεινὸς κατὰ τὸν σὸν λόγον, ἀλλὰ ἄκων, ὥστε μοι συγγνώμην ἔχει, φῆς γὰρ αὐ δέειν, ὅς ἂν κακουρήτῃ ἄκων, συγγνώμην ἔχειν. - 373b).

⁵³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 372b.

⁵⁴ “E também que indício maior haveria de ignorância do que diferir dos homens sábios? (καίτοι τί μείζον ἀμαθίας τεκμήριον ἢ ἐπειδὴν τις σοφοῖς ἀνδράσι διαφέρηται; - 372c).

⁵⁵ “Responsabilizo o discurso pela presente afecção, que faz parecer no que dispomos agora que aquele que age a contragosto é pior do que o que o faz propositadamente” (Αἰτιῶμαι δὲ τοῦ νῦν παρόντος παθήματος τοὺς ἔμπροσθεν λόγους αἰτίους εἶναι, ὥστε φαίνεσθαι νῦν ἐν τῷ παρόντι τοὺς ἄκοντας τούτων ἕκαστα ποιῶντας πονηροτέρους ἢ τοὺς ἐκόντας - 372e).

⁵⁶ “Porém há instantes em que me parece o contrário disso e vago entre essas duas posições, claramente por não saber” (Ἐνίοτε μέντοι καὶ τοῦναντίον δοκεῖ μοι τούτων καὶ πλανῶμαι περὶ ταῦτα, δῆλον ὅτι διὰ τὸ μὴ εἰδέναι - 372d-e).

⁵⁷ “A principal técnica dramática do diálogo é a sua construção em ‘duplas’. Apenas dois personagens conduzem a argumentação – Sócrates e Hípias. A breve aparição de Eudicos nos parágrafos iniciais (363a-c) e novamente por volta do meio do tratado (373a-c) parece ser uma indicação dramática de que há duas partes na discussão, com uma aparição de Eudicos introduzindo cada uma das duas partes. Além disso, o diálogo contém duas proposições – a identidade da pessoa falsa com o indivíduo verdadeiro e a superioridade da injustiça voluntária sobre a involuntária – sendo ambas as proposições igualmente surpreendentes. Dois heróis homéricos são comparados – Odisseu e Aquiles. Dois poemas de Homero são comparados (363b-365c) – *Iliada* e *Odisséia*.” (HOERBER, 1962, p. 128-129).

⁵⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 371e.

Na *epagggé* que se segue à definição dos melhores como os que agem propositadamente, o exemplo do corredor, escolhido não por acaso, traz novamente o critério da velocidade como referência para a boa ou má realização de sua arte⁵⁹, seguido pelo do lutador, que leva à conclusão de que o poder em relação ao corpo, subentendido como a força física, é o que permite a deliberação entre duas possibilidades: a de empregá-la ou não⁶⁰. Passando então por todos os exemplos socráticos, a formosura, a voz, o caminhar (citado por Aristóteles), a visão, os sentidos em geral, o leme, o arco, a lira, a flauta, o cavalo, o cão, o arqueiro, a medicina, a citarística, a aulética, as artes, os conhecimentos e a alma, seja ela de um escravo ou a nossa própria – o que pretende ser a enumeração de todos os gêneros de entes possíveis –, a conclusão é de que o privilégio do poder sobre a impossibilidade é exatamente aquele da possibilidade de escolha sobre a falta de opção, de modo que o encaminhamento dado por Sócrates a essa diferença resultará na definição precisamente do termo excelência.

Se anteriormente tínhamos a estranha inferência de que a falsidade seria uma excelência (καὶ ἡγούμενος ἀμφοτέρω ἀρίστῳ εἶναι καὶ δύσκριτον ὀπότερος ἀμείνων εἴη καὶ περὶ ψεύδους καὶ ἀληθείας καὶ τῆς ἄλλης ἀρετῆς)⁶¹, essa estranheza deve se desfazer, juntamente com todo o espanto tradicionalmente atribuído à leitura do diálogo, quando finalmente se vincula a excelência à ação propositada:

καὶ ἀσχημοσύνη ἄρα ἡ μὲν ἐκούσιος πρὸς ἀρετῆς ἔστιν, ἡ δὲ ἀκούσιος πρὸς πονηρίας σώματος.

*Também a deformidade, se é proposital, é decorrente da excelência, se é a contragosto, é decorrente da inferioridade.*⁶²

Assim, chegamos ao problema da justiça com Sócrates finalmente cedendo à insistência de Hípias pela introdução da injustiça na discussão sobre

⁵⁹ “Sócrates: Então na corrida o correr rapidamente é bom e o lentamente é mal? Hípias: Quem hesitaria em reconhecer isso? (ΣΩ: Ἐν δρόμῳ μὲν ἄρα καὶ τῷ θῆν τάχος μὲν ἀγαθόν, βραδυτῆς δὲ κακόν; Π. Ἄλλὰ τί μέλλει; - 373d).

⁶⁰ “Não é o melhor aquele que pode, quanto ao corpo, realizar ambas as coisas, a força e a fraqueza, o feio e o belo?” (ὄχι ὁ βελτίων τὸ σῶμα δύναται ἀμφοτέρα ἐργάζεσθαι, καὶ τὰ ἰσχυρὰ καὶ τὰ ἀσθενῆ, καὶ τὰ αἰσχροῦ καὶ τὰ καλά; - 374a-b).

⁶¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 370e. “Considerava serem ambos excelentes e ser difícil dizer qual era melhor tanto em falsidade, quando em verdade e em todas as outras excelências.”

⁶² PLATÃO. *Hípias Menor*, 374b-c.

o erro.⁶³ No entanto, a partir do momento em que a excelência está vinculada ao poder de deliberação, ela tem que, para a decepção de Hípias, ser apresentada já dissociada de uma noção de ingenuidade:

ΣΩ. ... ἡ δικαιοσύνη οὐχὶ ἢ δύναμις τίς ἔστιν ἢ ἐπιστήμη ἢ ἀμφοτέρα; ἢ οὐκ ἀνάγκη ἔν γέ τι τούτων εἶναι τὴν δικαιοσύνην.

Π. Ναί.

Sócrates: [...] A justiça não é um poder ou um conhecimento ou ambos? Ou não é necessário que a justiça seja uma dessas coisas?

*Hípias: Sim*⁶⁴.

De onde vem essa necessidade? De onde se deduziu essa definição com a qual Hípias concorda tão prontamente? A resposta nos parece estar mais uma vez na construção dramática do diálogo, segundo a qual Hípias se confunde com a imagem que ele fazia de Odisseu – além também da de Aquiles, tal como apresentada por Sócrates, i.e., como alguém dotado de poder. Não podendo apartar a si mesmo da definição de poder – que, por sinal, já envolve a de conhecimento na referência a todos os campos nos quais Hípias se destaca –, o propósito mesmo de Hípias, desde o início da refutação socrática, é o de vincular justiça, conhecimento e poder, garantindo a si, talvez mais do que a Aquiles, o atributo de justo. É porque, em função de sua identificação com determinados modelos apresentados no diálogo, a definição de justiça segundo parâmetros de poder e de conhecimento interessa tanto a Hípias quanto a Sócrates que não há, no diálogo, um exame apurado quanto à sua validade.

Falta-nos, no entanto, compreender em que sentido essa definição de justiça interessa a Sócrates, ao que se faz necessário um exame das conclusões por ele extraídas, quais sejam: em primeiro lugar, a de que a alma justa, por ter mais poder e ser mais sábia, é superior e, portanto, é exatamente aquela que pode realizar o belo e o feio, segundo a sua deliberação, em qualquer tarefa.⁶⁵ Por outro lado, segundo os critérios usados por Hípias para considerar injustas

⁶³ “Seria terrível, Sócrates, se os propositadamente injustos fossem melhores que os que o fossem a contragosto.” (Δεινὸν μεντὰν εἶη, ὃ Σώκρατες, εἰ οἱ ἐκόντες ἀδικούντες βελτίους ἔσσονται ἢ οἱ ἄκοντες. - 375d).

⁶⁴ PLATÃO. *Hípias Menor*, 375d.

⁶⁵ “Sócrates: Mas a alma que tem mais poder e é mais sábia não pareceu ser aquela superior, a que mais pode fazer ambas as coisas, o belo e o feio, em todas as tarefas? Hípias: Sim.” (ΣΩ. Οὐκοῦν ἢ δυνατωτέρα καὶ σαφωτέρα αὕτη ἀμείνων οὔσα ἐφάνη καὶ ἀμφοτέρα μᾶλλον δυναμένη ποιεῖν, καὶ τὰ καλὰ καὶ τὰ ἀσχηρὰ, περὶ πᾶσαν ἐργασίαν; Π. Ναί. - 375e-376a).

as ações de Odisseu⁶⁶, temos que a injustiça é uma má ação, enquanto não cometê-la é agir belamente (καὶ τὸ μὲν γε ἀδικεῖν κακὰ ποιεῖν ἔστιν, τὸ δὲ μὴ ἀδικεῖν καλόν⁶⁷). Enfim, a estratégia de Sócrates é submeter esses parâmetros de bem ou mal agir à referência primeira de poder, de modo que a conclusão é de que o homem melhor comete injustiça propositadamente, enquanto o pior, a contragosto.⁶⁸

O contrário disso corresponderia às expectativas de boa parte dos críticos. Em consonância com o que é dito em vários outros diálogos⁶⁹, entende-se como uma característica forte do pensamento platônico a submissão da definição de poder à noção de agir belamente, levando à conclusão de que o melhor é o que, tendo poder, compromete-o com a justiça. Não por acaso é Aristóteles o primeiro a tecer tal crítica. Na famosa passagem da *Metafísica* que autentica o diálogo platônico lemos:

τὰ μὲν οὖν οὕτω λέγεται ψευδῆ, ἄνθρωπος δὲ ψευδῆς ὁ εὐχερῆς καὶ προαιρετικὸς τῶν τοιούτων λόγων, μὴ δι' ἕτερόν τι ἀλλὰ δι' αὐτό, καὶ ὁ ἄλλοις ἐμπορητικὸς τῶν τοιούτων λόγων, ὥσπερ καὶ τὰ πράγματ' ἀγαθὰ φαμεν ψευδῆ εἶναι ὅσα ἐμποιεῖ φαντασίαν ψευδῆ, διὸ ὅ ἐν τῷ Ἰππία λόγῳ παρακρούεται ὡς ὁ αὐτὸς ψευδῆς καὶ ἀληθῆς. τὸν δυνάμενον γὰρ ψεύσασθαι λαμβάνει ψευδῆ (οὗτος δ' ὁ εἰδὼς καὶ ὁ φρόνιμος). ἔτι τὸν ἐκόντα φαῦλον βελτίω. τοῦτο δὲ ψεῦδος λαμβάνει διὰ τῆς ἐπαγωγῆς – ὁ γὰρ ἑκὼν χωλαίνων τοῦ ἄκοντος κρείττων – τὸ χωλαίνειν τὸ μιμεῖσθαι λέγων, ἐπεὶ εἴ γε χωλὸς ἑκὼν, χείρων

⁶⁶ Cf. a assimilação do falso ao injusto: “Sócrates: E então? Não pareceu anteriormente que os que falseiam propositadamente são melhores do que os que o fazem a contragosto? Mas, Sócrates, como podem os propositadamente injustos, que, deliberada e propositadamente, agem com malícia, ser melhores do que os que o fazem a contragosto?” (ΣΩ. Τί δέ; οὐκ ἄρτι ἐφάνησαν οἱ ἐκόντες ψευδόμενοι βελτίους ἢ οἱ ἄκοντες; Π. Καὶ πῶς ἂν, ὦ Σώκρατες, οἱ ἐκόντες ἀδικούντες καὶ ἐκόντες ἐπιβουλεύσαντες καὶ κακὰ ἐργασάμενοι βελτίους ἂν εἴεν τῶν ἀκόντων - 371e-372a).

⁶⁷ PLATÃO. *Hípias Menor*, 376a.

⁶⁸ “Então o homem bom é o que comete injustiça propositadamente e o mau é o que o faz a contragosto, se o bom é aquele que tem uma alma boa” (ἀγαθοῦ μὲν ἄρα ἀνδρὸς ἔστιν ἐκόντα ἀδικεῖν, κακοῦ δὲ ἄκοντα, εἴπερ ὁ ἀγαθὸς ἀγαθὴν ψυχὴν ἔχει - 376b).

⁶⁹ Muitas são as passagens sobre o tema na obra platônica e a sua enumeração seria exaustiva. Propomos então meramente como exemplo: “Pois Simónides não era assim tão inculco a ponto de dizer que elogiava os que não fazem mal propositadamente, como se houvesse esses que fazem propositadamente o mal. De minha parte, parece que nenhum dos sábios considera haver um homem que errasse propositadamente e que propositadamente realizasse coisas feias e más, ao contrário eles bem sabem que todos os que fazem coisas feias e más as fazem a contragosto” (Ὁὐ γὰρ οὕτως ἀπαίδευτος ἦν Σιμωνίδης, ὥστε τούτους φάναι ἐπαινεῖν, ὅς ἂν ἑκὼν μηδὲν κακὸν ποιῆ, ὡς ὄντων τινῶν οἱ ἐκόντες κακὰ ποιῶσιν. Ἐγὼ γὰρ σχεδόν τι οἶμαι τοῦτο, ὅτι οὐδεὶς τῶν σοφῶν ἀνδρῶν ἠγεῖται οὐδένα ἀνθρώπων ἐκόντα ἐξαρμαρτάνειν οὐδὲ ἀίσχρ' αὐτὸ καὶ κακὰ ἐκόντα ἐργάζεσθαι, ἀλλ' εὐΐασιν ὅτι πάντες οἱ τὰ ἀίσχρ' αὐτὸ καὶ τὰ κακὰ ποιῶντες ἄκοντες ποιῶσιν - PLATÃO. *Protagoras*, 345d-e).

ἴσως, ὡσπερ ἐπὶ τοῦ ἥθους, καὶ οὗτος.

*Assim se dizem falsas tais coisas, mas um homem falso é aquele que fácil e premeditadamente [pronuncia] tais discursos, não por causa outra, mas por si mesmo, e quando produz em outros tais discursos, tal como dizemos serem falsas as coisas que produzem imagens falsas. Por isso o argumento no Hípias, de que o mesmo é falso e verdadeiro, é ilusório; pois toma como falso aquele que pode falsear (sendo este o que conhece e o inteligente) e como melhor aquele que é propositadamente inferior. Considera essa falsidade por indução – pois o que manca propositadamente é superior ao que o faz a contragosto – dizendo ser o mancar uma imitação, já que, se manca propositadamente é inferior segundo o caráter.*⁷⁰

Na tentativa de fazer com que o diálogo definisse o homem propositadamente mau como o pior – concordando, portanto, com o ponto de vista aristotélico –, a saída encontrada por alguns comentadores que ainda se propuseram a dar relevância ao *Hípias Menor* foi prender-se ao condicional levantado por Sócrates na sua conclusão –

Ἐοῦρα ἑκῶν ἁμαρτάνων καὶ ἀσχηρὰ καὶ ἄδικα ποιῶν, ὧς Ἰππία, εἶπερ τίς ἔστιν οὗτος, οὐκ ἂν ἄλλος εἴη ἢ ὁ ἀγαθός

*Então aquele que erra propositadamente e faz coisas feias e injustas, Hípias, se é que alguém é assim, não é outro senão o bom*⁷¹

– supondo que, uma vez que é impossível ser bom agindo mal, tal homem não exista.

O que propomos, todavia, é uma outra interpretação desse senão, a de que ele faria ironicamente menção a Hípias, o qual muito bem se encaixaria nesse homem supostamente bom, tal como, em 367a-b, se encaixara na hipótese do homem capaz de falsidades na matemática. A ser assim, a definição de justiça como poder e/ou conhecimento não é definitiva, mas compreensível no âmbito do propósito socrático de uma refutação do caráter justo de Hípias, onde a ironia opera de modo crucial.

Assim sendo, gostaríamos de concluir com uma síntese dos argumentos do diálogo segundo aqueles que consideramos ser os propósitos socráticos no *Hípias Menor*:

i) fazer equivaler Aquiles a Odisseu, ambos demonstrados como dotados de poder⁷²;

⁷⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1025a1-13.

⁷¹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 376b.

⁷² PLATÃO. *Hípias Menor*, 364d-367d.

- ii) implicar Hípias no argumento, apresentando-o como também dotado de poder⁷³;
- iii) apresentar Aquiles, não só como multifacetado – dotado de poder -, mas também como de caráter falso, dedutível a partir das suas ações na *Iliada*⁷⁴;
- iv) envolver ironicamente Hípias nos exemplos homéricos das ações de Aquiles, sugerindo seu caráter falso⁷⁵;
- vii) apontar para um privilégio, que garantiria indulgência, da ignorância e do erro a contragosto sobre um certo propósito de ação⁷⁶;
- v) mostrar Sócrates como ignorante e privado de poder, privando-o de ser conhecedor e, em última análise, verdadeiro⁷⁷;
- vi) definir a deliberação quanto à ação, tanto como a marca de superioridade entre dois homens, quanto como a relação entre poder e caráter⁷⁸;
- viii) atribuir a Sócrates a indulgência por sua ignorância⁷⁹;
- ix) demonstrar que, mesmo sem conhecer, i.e., mesmo sem ter definido o que é a justiça e a verdade, Sócrates pode indicar o caráter falso e injusto de Hípias⁸⁰.

Enfim, supomos que o diálogo contribui para o pensamento platônico como a legitimação de uma demonstração argumentativa fundada, não no conhecimento, mas na ignorância, indicando que a ironia pode ser mais benéfica do que o conhecimento vinculado ao poder e a uma determinada compreensão da excelência, uma vez que pode conquistar indulgência sem correr o risco de praticar deliberadamente a injustiça.⁸¹ O poder do falso,

⁷³ PLATÃO. *Hípias Menor*, 366c-369b.

⁷⁴ PLATÃO. *Hípias Menor*, 369d-371e.

⁷⁵ PLATÃO. *Hípias Menor*, 370e-371b.

⁷⁶ PLATÃO. *Hípias Menor*, 372a.

⁷⁷ PLATÃO. *Hípias Menor*, 372a-373a.

⁷⁸ PLATÃO. *Hípias Menor*, 373c-375d.

⁷⁹ PLATÃO. *Hípias Menor*, 373b.

⁸⁰ PLATÃO. *Hípias Menor*, 376b-c.

⁸¹ Isso faz com que a conclusão de Balaudé se revele um tanto quanto forçada, uma vez que implica que o propósito de Sócrates seria tão simplesmente virar ao contrário a afirmativa primeira de seu interlocutor: “Parece-me necessário introduzir uma cláusula de não-reciprocidade para corrigir a regra de sinceridade, de *παρησιία*, que Vlastos impõe não apenas àquele que sofre o *ελέγχος*, mas também a Sócrates: o compromisso de dizer o que se pensa, isto é, isso que se tem como verdadeiro, vale apenas para aquele que responde. O *ελέγχος* não consiste em nada mais do que fazer aparecer a alguém que o que ele tem como verdadeiro é incompatível com outras coisas também tidas como verdadeiras, de modo que ele é conduzido a aceitar a negação da primeira afirmação”. (BALAUDÉ, 1997, p. 276). Pela ênfase atribuída aqui ao sentido da sinceridade, vemos como a ação de Sócrates é toda ela pautada por uma errância involuntária que não é uma mentira socrática, sentido em que Balaudé lê a ironia. No entanto, não é por

tema tão polêmico do *Hípias Menor*, revela-se então como a impossibilidade socrática que, ironicamente, torna-se o método de exame, refutação, busca e conhecimento pela sua própria errância.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a imoralidade tradicionalmente atribuída ao *Hípias Menor* de Platão oferecendo uma interpretação alternativa de sua primeira conclusão: o homem falso e o verdadeiro são o mesmo. Hípias oferece uma noção de verdade baseada na sinceridade, entendida como dizer o que se pensa, e nossa tentativa é de mostrar que todo o diálogo trata da recusa socrática a essa noção em nome de uma verdade baseada no poder e no conhecimento. Se esse ponto de vista for aceitável, podemos concluir que: i) a primeira conclusão não é um paradoxo, mas uma afirmação válida mesmo do ponto de vista moral; ii) há um bom elo argumentativo entre a primeira e a segunda partes do diálogo; iii) a última conclusão do texto, de que o homem bom é aquele que age propositadamente, é uma afirmação válida também do ponto de vista moral; iv) o *Hípias Menor* representa um papel importante dentro do *corpus* platônico como a demonstração de um método interrogativo baseado não no conhecimento, mas na ignorância. Palavras-chave: Platão. *Hípias Menor*. *Dýnamis*. *Pseúdos*.

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the immorality traditionally attributed to Plato's *Hippias Minor* by offering an alternative reading of its first conclusion: the false man and the truthful man are the same. Hippias offers a notion of truthfulness based on sincerity, understood as saying what one thinks, and our attempt is to show that the whole dialogue is about Socrates refusal of this notion in the name of a truthfulness based on power and knowledge. If that point of view is acceptable, we can conclude that: i) the first conclusion is not a paradox, but a valid statement even in a moral point of view; ii) there is a good argumentative link between the first and the second parts of the dialogue; iii) the last conclusion of the text, that the good man is the one who acts on purpose, is a valid statement also in a moral point of view; iv) the *Hippias Minor* plays an important role within the Platonic corpus as the demonstration of an interrogative method based not on knowledge, but on ignorance. Key-words: Plato. *Hippias Minor*. *Dynamis*. *Pseudos*.

isso que concordaríamos completamente com Vlastos em que a *παρηγορία* sustentaria uma justificativa para a conclusão paradoxal do diálogo. A conclusão não deve ser entendida como um paradoxo insolúvel, mas como uma refutação do caráter justo de Hípias e uma legitimação da ignorância como método de exame da verdade.